

## Prólogo

Enquanto não for destruída, é freqüente que a chispa de gênio da criança pré-escolar se expresse de um modo socrático, pela pergunta: “Por que?” Deploravelmente, nos EUA de hoje, é comum que a chispa se apague nas águas turvas do que David Riesman chamou “exodireção”<sup>1</sup>, onde é sufocada com um sádico aperto do torniquete às vezes eufemisticamente denominado empirismo e pragmatismo. A chispa de gênio da criança, o hábito de indagar como e por que surgiram as opiniões passadas e presentes, é substituída pela fé embrutecedora nos frutos da mera generalização indutiva da experiência individual e coletiva, esta forma de autodegradação moral a que amiúde se chama “senso prático ou comum”.

Todos os filósofos e mestres verdadeiramente grandes da história conhecida da civilização européia, a começar pelos melhores dos gregos jônios e pelos célebres integrantes da Academia de Atenas de Platão, ou Nicolau de Cusa e Gottfried Leibniz, despertaram o verdadeiro gênio interior dos jovens, ao reavivar essa chispa inata por meio do que, com propriedade, se denomina método socrático. O formalismo, ao contrário, mata a alma, como reconheceu precisamente um dos mais famosos formalistas modernos, o veneziano Pietro Pomponazzi<sup>2</sup>, que procurou por sua própria alma e, como pobre tolo em que se convertera, informou que não a tinha.

- 
1. Ver David Riesman, *The Lonely Crowd: A Study of the Changing American Character*, em colaboração com Reuel Denney e Nathan Glazer (Yale University Press, New York, 1950); ver também Robert Staughton Lynd e Helen Merrell, *Middletown: A Study in American Culture*, Harcourt Brace, New York, 1956.
  2. Pietro Pomponazzi (1462-1525), catedrático gnóstico do aristotelismo de Averróis, famoso por ter demonstrado que nenhum filósofo congruente de sua escola tinha alma. Obra principal, *De Immortalitate animae* (Da imortalidade das almas) (Bolonha, 1516). Ver Pine, Martin L., *Pietro Pomponazzi: Radical Philosopher of the Renaissance*, Editrice Antenore, Padova, 1986; ver também *Studi su Pietro Pomponazzi*, B. Nardi (ed.), Firenze, 1965.

Assim sendo, já que essa chispa de gênio potencial inata em cada criança é o que coloca a Humanidade absolutamente aparte e acima dos animais, podemos reconhecer que, como Filon de Alexandria demonstrou ser a necessária leitura do primeiro capítulo do Gênesis mosaico, essa qualidade do gênio é a alma humana, o aspecto da pessoa humana que, no latim de Nicolau de Cusa, é tanto *imago Dei* (imagem de Deus) como *capax Dei* (capaz de participar em Deus)<sup>3</sup>. Desta forma o formalismo que fez Pomponazzi perder sua alma é, intrinsecamente, o adversário do Bem, representa o mal.

Afortunadamente, na maioria dos casos é possível reavivar a chispa de gênio inata às crianças. Os grandes mestres sempre o fizeram. Todos os bons mestres tratam de fazê-lo em alguma medida, conforme se aproximem do método socrático empregado por Platão, Eudoxo, Teeteto, Arquimedes, Cusa e Leibniz. Só o que se necessita é reavivar o gênio da criança mencionando a senha para a genialidade: “Por que?”

Começamos escolhendo um fato importante da História, um acontecimento do qual dispomos de provas de que resultou de algum pretexto fraudulento, mas largamente aceito. Tratemos de descobrir qual foi o motivo da fraude, assim como as razões pelas quais os crédulos a aceitaram. Continuemos perguntando por que, descasquemos a cebola camada por camada, até que a história embutida neste acontecimento particular venha à superfície. O resultado deste tipo de exercício socrático é o ponto de referência necessário para definir adequadamente a palavra “conhecimento”.

Imaginemos o bombardeiro B-29 chamado “Enola Gay” rumo ao seu destino infernal, naquele horripilante dia do verão de 1945<sup>4</sup>. Por que o Governo dos EUA lançou sobre essas duas populações indefesas do Japão as duas únicas bombas de fissão nuclear que tinha em seu arsenal? O Governo dos EUA mentiu, quando disse que isto foi necessário para

- 
3. Ver Filón (“Judeu”) de Alexandria, “On the Account of the World’s Creation Given by Moses”, in *Philo: Vol. I*, Loeb Classical Library No. 226, Harvard University Press, Cambridge, 1981. As idéias de Cusa sobre o intelecto como “semelhança viva com Deus” podem ser achadas em “On the Filiation of God”, in *Toward a New Council of Florence: ‘On the Peace of Faith’ and Other Works of Nicolaus of Cusa*, Schiller Institute, Washington, 1993, p.188. Cusa fala de *capax Dei* e *imago Dei* em “On the Vision of God”, in *Nicholaus of Cusa’s Dialectical Mysticism*, The Arthur J. Banning Press, Minneapolis, 1985, p.127. Neste trabalho, Cusa escreve que o homem é “capaz de receber” Deus e que “a capacidade que conduz à união é só semelhança”.
  4. Em 6 de agosto de 1945. Claude Eatherly, piloto do avião de reconhecimento que fez parte da missão do *Enola Gay*, nunca pôde se readaptar à vida civil. Em 1962, escreveu (com Gunther Anders) *Burning Conscience*, Monthly Review Press, New York, 1962.

salvar as vidas de cerca de um milhão de soldados estadunidenses. Antes que se lançasse o que rapidamente se começou a chamar, em tom de terror, “a bomba”, o imperador do Japão, por intermediação do Vaticano, já estava negociando a sua rendição ao Governo Truman, nos mesmos termos em que foi aceita após o lançamento das bombas<sup>5</sup>.

Com essa breve reminiscência, tocamos a história deste século em um de seus pontos de inflexão mais importantes. Uma vez que a suposta urgência militar de se lançar as bombas nucleares em Hiroshima e Nagasaki era falsa, para que fim serviu tal ação? Um dos que tiveram os seus propósitos favorecidos naquele dia em Hiroshima foi Bertrand Russell, o moderno Mefistófeles, cuja sombra sinistra se projeta sobre as gerações presentes e as que ainda não nasceram, na Conferência das Nações Unidas sobre População, no Cairo, em 1994. Para entender por que as redes de inteligência britânica dentro do Governo dos EUA manipularam Harry Truman para que lançasse desnecessariamente as bombas atômicas sobre civis japoneses, basta ler a explicação que Russell oferece sobre a política que compartilhava com Winston Churchill sobre as armas nucleares, na edição de setembro de 1946 do *The Bulletin of the Atomic Scientists*: “A bomba atômica e a prevenção da guerra”<sup>6</sup>.

No artigo, Russell expõe os motivos pelos quais ele, Churchill *et alii* continuariam usando a ameaça geopolítica das bombas nucleares: chantagear Moscou, para que esta se submetesse a um acordo cujo propósito, como explicitou Russell, era transformar a recém-criada ONU no tipo de ditadura “unimundista”, pela qual os seus utópicos federalistas mundiais têm trabalhado ao longo de todo este século<sup>7</sup>.

---

Robert Lewis, co-piloto do *Enola Gay*, diria mais tarde: “Mesmo que viva cem anos, nunca poderei apagar de minha mente aqueles minutos.” (Citado em Robert Rhodes, *The Making of the Atomic Bomb*, Simon and Schuster, New York, 1986). Quando o general Carl Spaatz, da Força Aérea do Exército dos EUA, assumiu o comando das Forças Estratégicas do Pacífico e se informou da missão da bomba atômica, respondeu: “Se vou matar cem mil pessoas, não vou fazê-lo por ordens orais. Quero por escrito.” (Thomas, Gordon, e Witts, Max Morgan, *Enola Gay*, Pocket Books, New York, 1977, p. 244; edição brasileira: *A bomba de Hiroxima*, Editora Record, Rio de Janeiro, 1977).

5. O recém-falecido Max Corvo, então chefe de campo da OSS na Itália, representou os EUA nas negociações que, por intermédio do Vaticano, fazia o então cardeal Montini (mais tarde, papa Paulo VI). Agentes britânicos e instrumentos de Londres, como Allen Dulles e James Jesus Angleton, montaram uma enorme operação para desacreditar o Vaticano, a fim de neutralizar as provas de que o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki foi baseado em uma fraude.
6. Russell, Bertrand, *Bulletin of the Atomic Scientists*, nos. 5 e 6, 1/9/1946, p. 19.
7. Russell escreve: “É inteiramente claro que só há um modo de evitar permanentemente grandes guerras: a instauração de um governo internacional que detenha o monopólio

Desde então, o dogma estratégico de Russell, exposto naquela edição do *Bulletin*, tem determinado a maior parte da história do planeta até os nossos dias. Desde que, em 1955, o então secretário-geral do Partido Comunista da URSS, Nikita Khrushchov, enviou a Londres quatro representantes oficiais para discutir com Russell um condomínio termonuclear, nos moldes do que este último prescrevera naquela descrição anterior da sua doutrina estratégica<sup>8</sup>, até a queda do Governo Gorbachov, em agosto de 1991, as nações mais débeis e menores do mundo têm sido regidas por um “governo mundial” da ONU, sob a forma de um condomínio termonuclear entre os blocos políticos respectivamente dominados pelas duas superpotências rivais, Moscou e os anglo-americanos.

Para aqueles que conhecem o meio século de história anterior da fissão e da fusão nucleares, desde os descobrimentos do professor Dmitri Mendeleiev e do casal Curie<sup>9</sup>, as provas são suficientes para demonstrar que a intenção expressa por Russell no artigo de 1946 é a mesma pela qual ele e seus cúmplices induziram o governo dos EUA a construir a bomba atômica: produzir e usar uma arma tão aterradora que as nações

---

da força armada importante...Um governo internacional, para que possa conservar a paz, deve ser o único que possua armas atômicas, sua única fábrica, a única força aérea, os únicos encouraçados e, em geral, o que seja necessário para torná-lo irresistível...A autoridade internacional deve ter o monopólio do urânio e de quaisquer outras matérias-primas que sejam úteis para fabricar bombas atômicas. Deve contar com todo um exército de inspetores, com direito de entrar em qualquer fábrica sem aviso prévio; qualquer tentativa de estorvá-los ou de dificultar seu trabalho, deverá ser considerado *casus belli*...O governo internacional...terá que decidir todas as disputas entre nações diferentes, terá que possuir o direito de revisar tratados. Terá que estar obrigado, em sua constituição, a intervir com a força das armas contra qualquer nação que negue se submeter à arbitragem. Com o seu monopólio da força armada, semelhante intervenção será poucas vezes necessária e o seu êxito será rápido.”

8. Para uma história de Pugwash, ver Rotblat, J., *Scientists in the Quest for Peace, A History of the Pugwash Conferences*, The MIT Press, Cambridge, 1972, p. 2.
9. O professor Dmitri Ivanovich Mendeleiev (1834-1907), descobridor da célebre Tabela Periódica dos Elementos e professor do precursor das armas nucleares soviéticas, acadêmico Vladimir Ivanovich Vernadsky (1863-1945). No começo do século 20, quando a descoberta da radiação nuclear, pelo casal Curie, veio juntar-se às implicações da Lei Periódica de Mendeleiev, configurou-se a idéia de obter energia do núcleo atômico. Cf. Soddy, Frederick, *The Interpretation of Radium and the Structure of the Atom*, G.P. Putnam's Sons, New York, 1922; obra baseada em conferências proferidas originalmente em 1908. Ver também o reconhecimento de H.G. Wells do trabalho de Soddy e a incorporação da idéia das armas nucleares às obras de ficção de Wells anteriores a 1939, em sua obra *The World Set Free*, Macmillan, London, 1914. Carol White revisa as atividades de Wells em *The New Dark Ages Conspiracy*, New Benjamin Franklin House, New York, 1980.

cederiam a sua soberania a um árbitro da política global, a ditadura mundial da ONU, o “imperialismo definitivo”.

Excetuando alguns poucos indivíduos, como o Dr. Leo Szilard<sup>10</sup>, que era quase tão perverso quanto o seu mestre Russell, a maioria dos cientistas que trabalharam no Projeto Manhattan, como o falecido professor Robert J. Moon<sup>11</sup>, co-fundador da Fundação para a Energia de Fusão, eram pessoas dedicadas e capazes, que acreditaram sinceramente na grande farsa perpetrada por Russell em 1939, a de que Hitler estava decidido a produzir uma arma de fissão nuclear e que tínhamos que tomar a dianteira. Russell e seus sequazes, os verdadeiros autores da famosa carta ao presidente Franklin Roosevelt, que o bando fez Albert Einstein assinar<sup>12</sup>, sabiam que Hitler não iria patrocinar tal pesquisa e que os cientistas alemães relevantes, reunidos ao redor do professor Werner Heisenberg, estavam decididos a não construir tal arma, para que Hitler não a usasse<sup>13</sup>.

Diferentemente dos cientistas atômicos honrados, mas mal-informados, o Russell de 1939 apoiou a construção da bomba atômica exatamente pelos motivos que formularia em 1946. Federalista mundial e utópico fanático, ele concebeu a fabricação e uso das armas nucleares como um recurso para aterrorizar os governos, fazendo-os renunciar ao direito de defender a sua soberania por meios militares. Conforme expressou em seu artigo de 1946, seu propósito era aterrorizar os povos do mundo, para que se submetessem aos ditames de um árbitro mundial de conflitos, de um império mundial, de uma ditadura malthusiana mundial da ONU.

Lorde Bertrand Russell da Grã-Bretanha foi, sem dúvida, o personagem público mais perverso do século que finda. O assassinado

- 
10. Leo Szilard (1898-1964), físico nascido na Hungria, cúmplice de Bertrand Russell, é o homem que discursou na Conferência Pugwash de 1958, em Quebec, propondo o que ficaria conhecido como “destruição mútua assegurada”, pelo que acabou sendo retratado como o “Doutor Fantástico”, no filme do mesmo nome do diretor Stanley Kubrick.
  11. Robert J. Moon (1911-1989), professor de física da Universidade de Chicago, co-fundador da Fundação de Energia de Fusão, participou da montagem da primeira pilha atômica experimental sob a direção do professor Enrico Fermi.
  12. Segundo James Hershberg, *James B. Conant, Harvard to Hiroshima and the Making of the Nuclear Age*, Alfred Knopf, New York, 1993, p. 137: “Leo Szilard, Eugen Wigner e Edward Teller visitaram Albert Einstein, persuadindo-o a assinar uma carta a Roosevelt para adverti-lo do terrível perigo de Hitler obter primeiro a bomba. Em 11 de outubro, o financista Alexander Sachs, patrono de Szilard, levou a advertência ao presidente.”
  13. Thomas Powers, *Heisenberg's War: The Secret History of the German Bomb*, Little, Brown & Co., Boston, 1994.

dramaturgo inglês Christopher Marlowe teria dito com razão que o monstruoso Adolf Hitler, da Sociedade Thule, não foi mais que um velhaco no papel do doutor Fausto, enquanto Russell era o verdadeiro Mefistófeles. Marlowe teria insistido em precisar a sua observação: “um verdadeiro Mefistófeles veneziano”<sup>14</sup>.

Russell não causou pessoalmente todo o mal que proliferou no planeta nos últimos cento e poucos anos, mas foi um dos indivíduos mais influentes entre os que o perpetraram. Mais ainda, se rastreamos as influências que fizeram de Russell um homem maligno, encontraremos não só o que há de equivocado no século 20, mas também em muitos dos séculos anteriores.

O século atual passará à História como uma época que se distingue pela interminável monotonia das mentiras engolidas pela maioria das pessoas. O mito de que Bertrand Russell foi um humanitário utópico é talvez uma das mais difundidas mentiras que persistem entre os círculos educados, que deveriam dar-se conta da verdade. Como é possível que esta assombrosa credulidade se manifeste entre gente culta, educada, nos altos níveis acadêmicos e nos serviços de inteligência do governo dos EUA? Valemo-nos aqui do exemplo de Russell para ilustrar o problema. A revisão dos traços marcantes da sua maldade multifacetada cria as condições para respondermos à pergunta: por que as pessoas supostamente cultas de hoje são tão cegamente crédulas? A resposta é o tema deste livro.

---

14. Christopher Marlowe, dramaturgo e colaborador de William Shakespeare, foi assassinado em 1593, durante uma viagem, presumivelmente por um representante do chamado “Partido Veneziano” de Paolo Sarpi & Cia. Seu célebre drama *Doutor Fausto* é uma representação teatral da conquista da Inglaterra por parte dos venezianos de Sarpi, então em marcha.